

Transcrição das palavras proferidas pelo Professor Adriano Moreira na Academia das Ciências de Lisboa, por ocasião do lançamento do livro *Nove Ensaios na Tradição de Jorge Borges de Macedo*, em homenagem ao Professor Jorge Borges de Macedo

[Em 18 de Março de 2009]

“Só quero dizer algumas palavras muito rápidas sobre o Jorge. Achei fascinantes as intervenções que foram feitas, sobretudo a do Professor Aires de Barros, falando, aliás com experiência, de uma tribuna que pertenceu ao Jorge Borges de Macedo que foi a Sociedade de Geografia, na qual se inscreve a Academia Internacional da Cultura Portuguesa, um aspecto da sua vida que aqui não foi lembrado.

E só queria acrescentar à excelente doutrina sobre o tempo que o Professor Aires de Barros nos dedicou, mais uma faceta que é a “solidão da sobrevivência”, que não sei como se mede.

E porque é que eu digo isto? Porque eu fui discípulo do Jorge, no Liceu do Carmo, e julgo que sou o único sobrevivente da 6ªA, do Liceu do Carmo. E isso obriga-me a ter realmente alguma meditação sobre a solidão da sobrevivência. E gostaria de dizer algumas palavras desse trajecto do Jorge que tem uma faceta cívica que não pode ser separada da sua intervenção científica.

A nossa geração do Liceu teve o primeiro desafio para se preocupar com o mundo, com a Guerra Civil de Espanha. O Jorge era aluno daquele Liceu, do qual eu tenho as melhores recordações, com um corpo docente excelente. Nós tratávamo-lo carinhosamente por “filósofo” da turma, porque ele estava sempre mais informado do que nós, mais comentador do que nós, mais desafiante do que nós, e manteve-se ao longo da vida sempre nesta perspectiva. Quando ele fez 70 anos e passou àquela situação de jubilação que é a alegria daqueles que têm a vaga esperada, eu tomei parte numa cerimónia justa de homenagem ao Jorge; nessa altura nós devíamos ter mais de 50 anos de convivência. Só nessa homenagem é que descobri que a família dele era de uma aldeia a dois quilómetros e meio da minha aldeia: chamava-se Vale Bem Feito, no Distrito de Bragança, e a minha, Grijó de Vale Bem Feito, porque lá nasceu a capela onde a antiga pioneira aldeia ia fazer as suas preces.

Eles nessa altura não podiam recorrer aos economistas, de maneira que, quando tinham alguma dificuldade, apelavam aos céus para a ajuda de que necessitavam.

E o Jorge enfrentou duas coisas que devem ser registadas, naquilo que diz respeito à integridade de um intelectual. Primeiro foi a batalha para vencer a resistência da Universidade, que tardou em chamá-lo. Ele não teve nenhuma transigência, e entrou na Universidade. Depois, quando vieram os saneamentos, ele não teve nenhuma transigência com aquilo que lhe pareceu uma ofensa à independência da Universidade, foi saneado e acabou por ser chamado. Eu julgo que foi um momento de lucidez da Faculdade que viu que dessa maneira, entrando ele, aumentava a sua média de credibilidade que então não andava pelos melhores níveis na Faculdade de Letras.

Finalmente, a intervenção do Jorge, depois desse acontecimento, na Academia Internacional da Cultura Portuguesa e na Sociedade de Geografia, que hoje está tão bem entregue ao Professor Aires de Barros, e que está a viver uma época de recuperação notabilíssima. Ele teve uma enorme participação em relação a uma dimensão do país, que foi a diáspora, porque foi o grande tema da época. O país em crise, o país em crise política, o país a pedir dignidade cívica, a ideia de que a diáspora portuguesa traria de ganho para o país. Traríamos força ao país se conseguisse que fosse doutrinado e aceite (eu tive alguma responsabilidade nisso), que as comunidades de emigrantes portugueses, ou descendentes de portugueses, ou filiados na cultura portuguesa, soubessem uns dos outros; se os da América se incomodassem com os da Ásia, se os da Ásia se incomodassem com os da África, se todos se incomodassem com o país e o país com todos, essa força podia contribuir para reabilitar a capacidade do país enfrentar os desafios da mudança.

Chamei a essa diáspora a *“Nação Peregrina em Terra Alheia”*. E foi uma designação que tinha alguma filiação na meditação sobre a espécie de Conselho de Estado de quem o Zurara dá notícia e em que o tal equilíbrio, aqui recordado, foi discutido com a serenidade, a responsabilidade e o realismo que também, por sua vez, deram cor às perspectivas que o Jorge utilizou na interpretação da história portuguesa. Quando se lê o relato dessa reunião, é extraordinário como a análise da circunstância internacional é feita, a avaliação dos recursos disponíveis do ponto de vista material é feita, a avaliação das capacidades humanas disponíveis é feita, e é decidida qual é a orientação que o Estado deve assumir. Este entendimento e esta preocupação para a qual ele contribuiu em tantas intervenções, discussões, nos congressos que houve, não tem sido suficientemente sublinhada e eu acho que hoje é um dia para celebrar essa intervenção.

Até me ocorre dizer que o estudo sobre a diplomacia portuguesa, que considero um dos trabalhos mais inspiradores que o Jorge nos legou, é um estudo de facto à roda do poder dos que não têm poder. Quer dizer, um estudo à roda de um país que tem de se apoiar, sobretudo, na sua inteligência, saber, capacidade de negociação, e isso, naturalmente, exprime-se na capacidade diplomática e, por isso, a mim ocorre-me que esse trabalho, tão notável, não é apenas um estudo académico, é uma espécie de manifesto, é um manifesto cívico que ele legou e que trás a síntese do empenhamento em que esteve depois da revolução, para recuperar uma atitude responsável, uma atitude que assente na convicção de que, como o Professor Aires de Barros disse, “o passado não é sempre igual ao presente”, mas o país tem que ser um passado com futuro. A única coisa que é necessária, é definir o projecto do futuro, e esse foi o manifesto que o Jorge exprimiu nesse seu livro, e é isso sobretudo que me dá prazer recordar neste dia, como sobrevivente da 6ªA, do Liceu do Carmo.”

